

universitários da área da saúde e fatores associados em tempos de pandemia COVID-19.

Método: Foram avaliados 140 estudantes do curso de biomedicina de uma universidade do interior paulista. Para tanto, os participantes responderam a um instrumento com questões estruturadas, organizados em: caracterização da população de estudo; uso de tabaco e álcool (ASSIST) e avaliação da saúde mental (DASS-21). A associação das variáveis do estudo foi realizada através dos testes do qui-quadrado, Fisher ou qui-quadrado de continuidade. Para avaliar os fatores associados às alterações da saúde mental foi utilizada a razão de chances (odds ratio/OR). Foi considerando significativo $p < 0,05$. Este trabalho foi aprovado pelo CEP (13359019.3.0000.5515).

Resultados: Dentre os estudantes universitários avaliados, 44,85% apresentaram sinais de depressão, enquanto 55,22% de ansiedade e 71,54% de estresse. A associação entre as características da população e avaliação do DASS-21 demonstrou que o sexo feminino tinha uma chance 0,40 vezes ($p = 0,0387$) maior de apresentar sintomas de estresse; idade entre 18 e 20 anos uma chance 2,645 vezes ($p = 0,0462$) maior em relação à 21 a 24 ano e uma chance 5,429 vezes ($p = 0,0035$) maior em relação à maiores de 24 anos de apresentar sintomas de estresse; estar solteiro uma chance 4,966 vezes ($p = 0,0111$) maior de apresentar sintomas de ansiedade; usar tabaco uma chance 2,270 vezes ($p = 0,0318$) maior de apresentar sintomas de depressão e, uma chance 2,740 vezes ($p = 0,0151$) maior de ansiedade; usar álcool uma chance 3,504 vezes ($p = 0,0265$) maior de apresentar sintomas de depressão, uma chance 4,013 vezes ($p = 0,0088$) maior de ansiedade e, uma chance 5,005 vezes ($p = 0,0012$) maior de estresse.

Conclusão: Estudantes universitários apresentam uma elevada prevalência de alterações da saúde mental, associadas principalmente à pouca idade e ao uso de tabaco e álcool.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102491>

EP-054

INIQUIDADES NA VACINAÇÃO E TAXA DE MORTALIDADE EM POPULAÇÕES INDÍGENAS COMPARADAS COM A POPULAÇÃO GERAL NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE SÉRIE TEMPORAL

Fernanda Gomes Machado,
Mariana Maleronka Ferron,
Maria Tereza da Matta Barddal,
Laura Alves Nascimento, Juliana Rosalen,
Vivian Iida Avelino-Silva

Albert Einstein, Brasil

Introdução: Desde a implementação da vacinação contra COVID-19 no Brasil, os povos indígenas foram considerados grupo prioritário; entretanto, essas populações enfrentam diversas iniquidades no acesso à saúde, resultando em maior risco de desfechos negativos no contexto da pandemia em detrimento da priorização na vacinação.

Objetivo: Descrever a evolução vacinal, incidência e mortalidade acumuladas de COVID-19 na população indígena

brasileira entre 2020/2021. Contrastar a cobertura vacinal de COVID-19 entre indígenas e idosos no país e as taxas de mortalidade por COVID-19 entre indígenas e a população geral brasileira.

Método: Neste estudo de série temporal, analisamos a cobertura vacinal, taxa de mortalidade e incidência acumulada de COVID-19 em populações indígenas ≥ 18 anos, de março/2020 à dezembro/2021. Comparamos a cobertura vacinal na população indígena com aquela observada entre idosos e as taxas de mortalidade indígena por COVID-19 com aquela observada na população geral. Os dados foram obtidos de informes epidemiológicos públicos do Ministério da Saúde.

Resultados: Observamos cobertura vacinal geral na população indígena de 90% (dose 1) e 85% (dose 2) em dezembro/2021, porém com grande heterogeneidade no progresso das coberturas vacinais nos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas. Comparações entre taxas de mortalidade e incidência acumulada da COVID-19 entre 2020/2021 mostram impacto positivo da vacinação. Em junho/2021, a incidência de casos foi mais alta que no ano anterior, e apesar disso a taxa de mortalidade não aumentou. Ao longo dos demais meses de 2021, tanto a incidência quanto a taxa de mortalidade foram menores do que o observado em 2020. Em comparação com idosos, observamos que as populações indígenas alcançaram menor cobertura do que a maioria das categorias etárias, com exceção dos ≥ 90 anos. Também observamos que em março/2021, a taxa de mortalidade acumulada foi similar entre as populações indígenas e a população geral. No entanto, nos meses subsequentes, a taxa de mortalidade foi maior entre populações indígenas, em todas as macrorregiões.

Conclusão: Embora possivelmente amenizada pela priorização na vacinação, a mortalidade por COVID-19 na população indígena ainda foi maior do que aquela observada na população geral. O impacto negativo da pandemia poderia ter sido mitigado com políticas específicas de atenção à saúde, que considerassem as particularidades socioculturais dos povos indígenas, a fim de preservar sua saúde e existência.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102492>

EP-055

INFECÇÕES FÚNGICAS INVASIVAS EM PACIENTES COM COVID-19 EM UM HOSPITAL PÚBLICO NO NORDESTE DO BRASIL, 2020-2021

Mohamed Saido Balde,
Lisandra Serra Damasceno

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Introdução: Infecções fúngicas invasivas (IFI) têm sido observadas em indivíduos com quadros graves de covid-19. Em geral, estes pacientes necessitam de internamento hospitalar prolongado e suporte de terapia intensiva, bem como o uso de diversos dispositivos invasivos. Tais fatores contribuem para o desenvolvimento de IFI em pacientes com Covid-19.